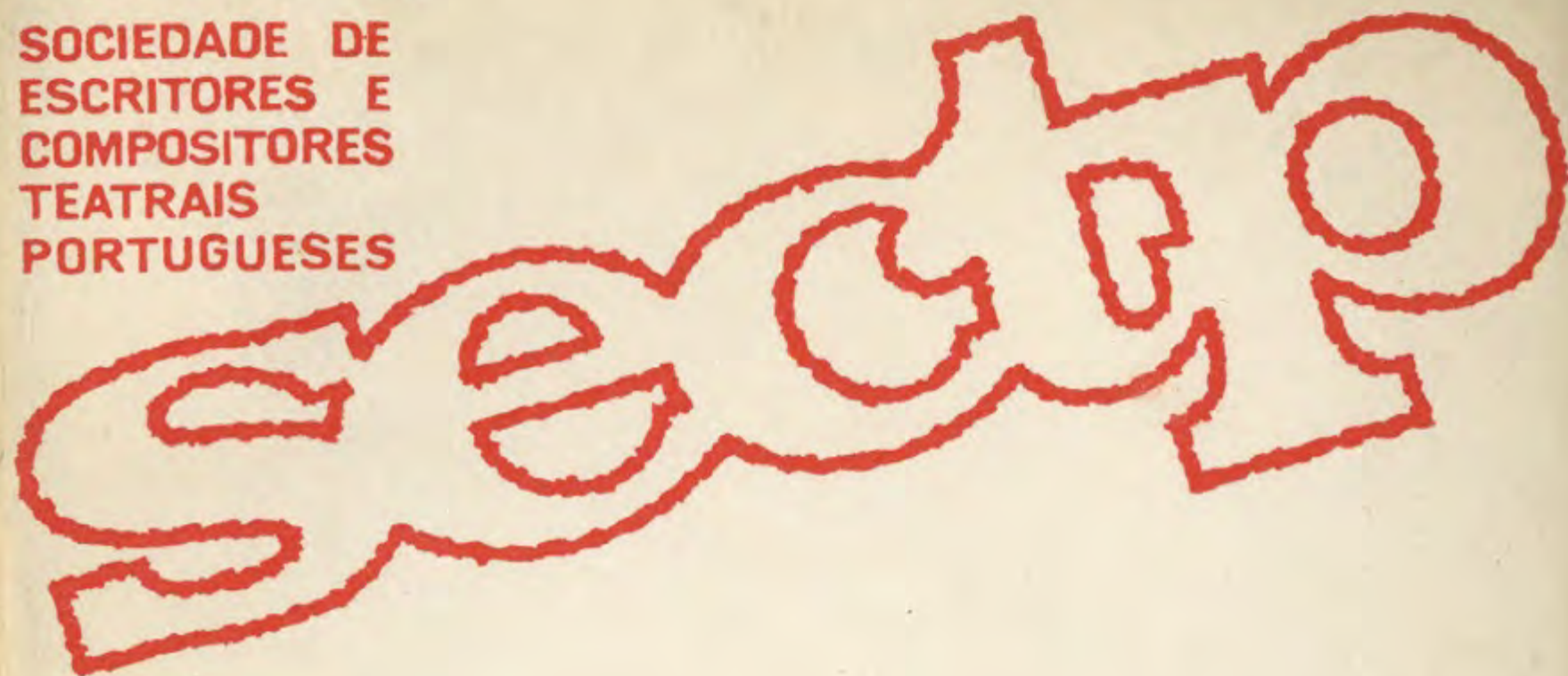


repertório da
SOCIEDADE DE
ESCRITORES E
COMPOSITORES
TEATRAIS
PORTUGUESES



É URGENTE O AMOR

Luiz Francisco Rebello



REPERTÓRIO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES
E COMPOSITORES TEATRAIS PORTUGUESES

É URGENTE O AMOR

PEÇA EM 2 PARTES

ORIGINAL DE

LUIZ FRANCISCO REBELLO

040701888



LISBOA — 1970

Esta peça foi representada pela primeira vez em 25 de Fevereiro de 1958, pela companhia do Teatro Experimental do Porto, no Teatro S. João, dessa cidade, numa encenação de António Pedro e com a seguinte distribuição:

Branca	DALILA ROCHA
A Mãe	CANDIDA MARIA
Madalena	FERNANDA GONÇALVES
Margarida	CÂNDIDA LACERDA
Jorge	JOÃO GUEDES
Alberto	BAPTISTA FERNANDES
Chefe	VASCO LIMA COUTO
Agente	JOSÉ PINA
Pai (1)	RUI FURTADO

Foi reposta em cena pela companhia do Teatro Popular de Lisboa, em 20 de Setembro de 1968, numa encenação de Luís Tito, com a seguinte distribuição:

Branca	IVONE MOURA
A Mãe	GRAÇA VITÓRIA
Madalena	MADALENA SOTTO
Margarida	ADELINA CAMPOS
Jorge	ANDRADE E SILVA
Alberto	ANTONIO MACHADO
Chefe	ALBERTO GHIRA
Agente	HENRIQUE VIANA

(1) Personagem suprimida na actual versão.

*É urgente o amor.
É urgente um barco no mar.*

*É urgente destruir certas palavras,
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
 muitas espadas.*

*É urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.*

*Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.
É urgente o amor, é urgente
permanecer.*

EUGÊNIO DE ANDRADE,
«Urgentemente»

PRIMEIRA PARTE

Quarto num prédio moderno da capital.

Uma única porta ao F.E., comunicando para o interior.

Contra a parede da D. (em relação ao espectador), e paralelo à ribalta, um divã-cama; à D.A., mesinha de cabeceira; sobre ela, um candeeiro com «abat-jour» e um pequeno aparelho de telefonia. À D.B., um banquinho redondo e estofado.

Ao F.C., um armário. Contra a parede da E., um toucador; na sua frente, um outro banquinho, mas este rectangular.

O tipo incaracterístico e fabricado em série do mobiliário faz com que do conjunto se desprenda uma sensação de vulgaridade e monotonia. É um quarto igual a tantos outros, sem a menor atmosfera de intimidade — um quarto onde poderá passar-se o tempo, mas não decerto viver.

(Antes de subir o pano, ouvem-se os compassos de uma música dolente e melancólica, transmitida pelo aparelho de rádio. Esta música prolongar-se-á até onde for indicado. Depois o pano sobe, deixando ver, sòzinha em cena, BRANCA, estendida sobre a cama, imóvel, fumando, os olhos

fitos num ponto indefinido. Uma sombra de amargura tolda a beleza, um tanto magoada, dos seus vinte e poucos anos.

Sempre fumando, escuta em silêncio a canção que a rádio transmite. Assim decorrem alguns instantes, até que alguém bate à porta. BRANCA não dá mostras de ter ouvido. Batem segunda vez.)

BRANCA. — *(Sem se mover) Entre. (Batem novamente, com mais insistência. BRANCA, com um gesto de enfado, estende um braço para diminuir o volume da rádio e diz, em tom mais alto:) Entre!*

(Abre-se a porta do F., dando entrada à MÃE, que roça pelos cinquenta anos e se esforça visivelmente — demasiado visivelmente — por não os parecer. Cabelos oxigenados, maquilhagem excessiva. Certa dignidade ofendida, que por vezes afecta, ainda mais faz ressaltar a sua natural vulgaridade. A rádio continua tocando, em surdina.)

BRANCA. — *(Ao vê-la entrar, limita-se a dizer — para logo tornar à sua imobilidade anterior) Ah, és tu.*

A MÃE. — Sou eu, sim. Não me ouviste bater?

BRANCA. — E tu, não me ouviste dizer que entrasses?

A MÃE. — Pões a telefonia tão alto que lá fora não se consegue ouvir coisa nenhuma.

BRANCA. — Incomoda-te?

A MÃE. — Cá por mim, até podes rebentar com ela, se te apetecer... Mas o pior é a conta da electricidade, que aumenta todos os meses.

BRANCA. — E a ti que te importa? Que eu saiba, não ficas mais pobre por isso...

A MÃE. — Pois sim... Mas que precisão tens tu de estar o dia inteiro a ouvir música?

BRANCA. — Quem paga sou eu, não sou?

A MAE. — Lá de vez em quando, não digo... Mas o dia inteiro!

BRANCA. — É a minha única companhia...

A MAE. — *(Formalizada)* Muito obrigada pela parte que me toca.

BRANCA. — Oh, mãe! Deixemo-nos de hipocrisias. Bem sabes que entre nós tudo isso é inútil...

A MAE. — Hás de ser sempre desagradável.

BRANCA. — Desculpa. Sou como sou. E não me sinto capaz de ser doutra maneira. Nem quero!

A MAE. — Ao menos comigo, que sou tua mãe...

BRANCA. — *(Desliga bruscamente a telefonia e senta-se na cama)* Minha mãe...! Mas o que quer isso dizer? Quantas vezes me tens pedido que diante dos outros não te trate por mãe?

A MAE. — *(Tentando interrompê-la)* Branca...!

BRANCA. — *(Continuando)* Como se fossem as palavras que nos tornam mais novas ou mais velhas... E isso bastasse para que as rugas desaparecessem e a pele deixasse de estar engelhada...

A MAE. — Branca! Eu não te admito...

BRANCA. — *(Interrompendo-a)* E depois, tenho porventura culpa de que sejas minha mãe? Não fui eu que te escolhi, pois não? E se dependesse de mim... *(Suspende-se)*

A MAE. — Acaba! Se dependesse de ti não me tinhas escolhido, não é o que queres dizer? *(Mas BRANCA encolhe os ombros, num gesto de indiferença. Acende outro cigarro. Sente-se que entre mãe e filha estas discussões são já habituais)* Muito custa ouvir certas coisas! Depois dos sacrifícios que tenho feito por ti...!

BRANCA. — Quem, tu? Sacrifícios por mim? Ora deixa-me rir!

A MÃE. — Sacrifícios, sim! Só eu sei!...

BRANCA. — *(Interrompendo-a)* Não te canses... Já te disse há bocado que não valia a pena. Estamos aqui as duas sòzinhas, não é verdade? Escusas portanto de representar...

A MÃE. — Eu não estou a representar!

BRANCA. — Estás, sim, mãe. Não dás por isso, mas estás. E há tanto tempo que me dizes essas coisas, que acabaste por tomá-las a sério e acreditar que são verdade...

A MÃE. — És uma ingrata... Não tens coração...

BRANCA. — Ainda bem. Se tivesse era pior.

A MÃE. — Não digas isso!

BRANCA. — Era pior, sim! E tu bem sabes. Porque foi contigo que eu aprendi.

A MÃE. — Comigo?! Ah, não, agora também é demais! Dizeres-me uma coisa dessas a mim! A mim, que dei cabo da minha vida, que fui sempre uma desgraçada, por ter um coração grande demais!

BRANCA. — Não faças confusões. Isso a que tu chamas coração... *(Mas interrompe-se, como se estivesse com-penetrada da inutilidade do que ia dizer)* Não vale a pena. Já dissémos tudo isto uma à outra tantas vezes... Deixa-me só com a minha telefonia, peço-te. *(Liga de novo o aparelho, que fica a tocar em surdina)*

A MÃE. — *(Formalizada)* É uma maneira delicada de me mandares embora...

BRANCA. — Não fui eu que te chamei, pois não?

A MÃE. — Então não admities que eu goste de estar ao pé de ti, de fazer-te companhia, de conversar contigo?

BRANCA. — Não, mãe. Não acredito. Se vieste procurar-me, foi porque tinhas alguma coisa a pedir. Já estou habituada. Por isso quanto mais depressa disseres o que é, melhor.

A MÃE. — Se pões a questão dessa maneira, acho preferível ir-me embora.

BRANCA. — (*Desliga a telefonia, impaciente*) Vamos, não percas tempo, dize o que queres.

A MÃE. — (*Torna-se súbitamente humilde*) Pedir-te não é bem o termo... Era só que me emprestasses... Até ao fim do mês... Até eu receber a pensão do teu pai...

BRANCA. — De quanto precisas?

A MÃE. — Vi ontem, numa loja aqui perto, uma carteira muito em conta... E a que eu tenho — aquela que tu me deste o verão passado, lembras-te? — está tão velha... Fazia-me tanto arranjo... Antes que alguém a compre... Se tu me fizesses esse favor...

BRANCA. — (*Secamente*) Quanto?

A MÃE. — Duzentos... (*BRANCA olha para ela, a MÃE atrapalha-se, gagueja*) Não, não, espera, não é isso... Fiz confusão... Cento e oitenta. Cento e oitenta! Duzentos era uma que eu vi noutro sítio... Por sinal muito bonita... Mas para mim a de cento e oitenta já serve perfeitamente...

BRANCA. — (*Abre a gaveta da mesinha de cabeceira, da qual tira duas notas que entrega à MÃE*) Toma lá os duzentos.

A MÃE. — Obrigada. Eu pago-te no fim do mês...

BRANCA. — Está bem, está bem.

A MÃE. — (*Insistindo*) Podes ficar descansada. Eu não me esqueço...

BRANCA. — (*Enervada*) Pronto, mãe! Não se fala mais nisso!

A MÃE. — A loja é perto daqui... Vou lá num pulo e já volto. (*Encaminha-se para a porta. Vai para sair, mas detém-se e pergunta, num tom que se esforça por tornar casual e desinteressado*) É verdade... Aconteceu alguma coisa ao Alberto?

BRANCA. — (*Retraindo-se*) Que tens tu com isso?

A MÃE. — (*Como acima*) Eu? Nada... Perguntei só por perguntar... Como nos últimos dias não tem aparecido...

BRANCA. — Então não vale a pena eu responder.

A MÃE. — Estão zangados? (*BRANCA não responde*)

Oxalá que assim fosse... Era uma felicidade para ti.

BRANCA. — Dispenso os teus conselhos.

A MÃE. — No dia em que conheceste o Jorge devias ter cortado com ele. É preciso não se ter o juízo perfeito para se arriscar uma situação como a que o Jorge te deu por causa dum garoto como o Alberto.

BRANCA. — Tenho muita pena, mas vou dar-te um desgosto. Não me zanguei com o Alberto.

A MÃE. — Pois claro... Era bom demais para ser verdade... Mas tem cuidado. Olha que essa história ainda um dia acaba mal...

BRANCA. — Deixa acabar. É comigo.

A MÃE. — Desculpa, minha filha, mas não é bem assim. E é natural que me preocupe o teu futuro...

BRANCA. — O meu futuro?! Não sejas ridícula!

A MÃE. — Não sei porquê!

BRANCA. — Já tens o dinheiro que querias, não é verdade? Então vai-te embora e deixa-me sòzinha. É um favor que eu te peço.

A MÃE. — Tens razão. Prefiro ir-me embora a ouvir certas coisas..., certas coisas que não mereço e a que não estou habituada.

(Vai para sair quando a porta se abre e entra
MADALENA — aproximadamente a mesma idade
de BRANCA, mas um pouco mais gasta e cansada.
Veste um roupão.)

MADALENA. — Dás licença, Branca? *(Dando pela presença da MÃE)* Ah, desculpe... Julguei que estavas sòzinha...

BRANCA. — Podes entrar...

MADALENA. — *(Fazendo menção de se retirar)* Deixa, eu volto daqui a bocado...

A MÃE. — Não, fique. Eu ia já sair.

MADALENA. — É por minha causa que se vai embora?

A MÃE. — *(Olhando-a com mal disfarçada hostilidade)*
Por sua causa? Não, que ideia! Seria ligar-lhe muita importância. *(E sai)*

MADALENA. — *(Depois de ela sair)* A tua mãe não me grama... Se eu soubesse que ela estava aqui, tinha-me deixado ficar no meu quarto. Não é nada agradável viver debaixo do mesmo teto com uma pessoa que não gosta de nós...

BRANCA. — Esta casa é minha, não é dela.

MADALENA. — Bem sei. E é só por isso que eu ainda não me fui embora. *(Reprime um bocejo)* Isto que horas são?

BRANCA. — *(Um olhar para o relógio de pulso)* Quatro menos dez.

MADALENA. — Já? Imagina tu! E eu acabei agora mesmo de me levantar!

BRANCA. — Deitaste-te tarde?

MADALENA. — Cedíssimo... Estava o sol a nascer quando meti a chave à porta.

BRANCA. — Onde é que estiveste?

- MADALENA. — Na «Galera», até às quatro. Depois...
(*Conclui por um gesto*) O costume. E tu?
- BRANCA. — Fui ao cinema. A uma já estava em casa.
- MADALENA. — Foste sòzinha?
- BRANCA. — Fui.
- MADALENA. — E o doutor?
- BRANCA. — Tinha que fazer não sei o quê ontem à noite.
- MADALENA. — Com o Alberto sabia eu que não tinhas ido...
- BRANCA. — (*Reage imediatamente — desde o início da acção é a primeira vez que manifesta interesse por alguma coisa*) Sabias?! Quem te disse?
- MADALENA. — Ninguém. Fui eu que o encontrei.
- BRANCA. — Onde?
- MADALENA. — Na «Galera». (*Quase sem mudar de tom*) Dás-me um cigarro?
- BRANCA. — (*Num gesto automático passa-lhe para as mãos o maço de cigarros, ao mesmo tempo que ansiosamente pergunta*) Com quem estava?
- MADALENA. — (*Tira um cigarro e, de propósito, não responde logo à pergunta de BRANCA*) Tu agora fumas esta porcaria?
- BRANCA. — (*Impaciente*) Não ouviste? Com quem estava ele?
- MADALENA. — (*Depois de acender o cigarro*) Sòzinho.
- BRANCA. — Estás a mentir!
- MADALENA. — E se estivesse? Chateava-te muito?
- BRANCA. — Muito! O Alberto é tudo o que eu tenho na vida... Sem ele... (*A frase fica em meio, o olhar perde-se-lhe num ponto distante*)
- MADALENA. — Ora adeus! Não há nenhum homem que mereça isso. E então o Alberto...!
- BRANCA. — Que é que tem o Alberto?

MADALENA. — Bem sei que estou a meter-me onde não sou chamada. Mas é um disparate andares a perder tempo com ele. Acredita, Branca: o Alberto só te pode prejudicar.

BRANCA. — Também tu?

MADALENA. — Tens o doutor, não tens? Um homem de posição, que gosta de ti, que te dá tudo o que precisas... Quantas não desejariam estar no teu lugar... E o que elas não fariam para conservar uma situação dessas!

BRANCA. — Não, Madalena... Há coisas que todo o dinheiro do mundo não chega para comprar...

MADALENA. — Tolices! O que é que te falta?

BRANCA. — Sentir ao pé de nós alguém de quem se gosta... Mas gostar sem ser por interesse, sem pedir nada em troca... Gostar sem se saber porquê, sem razão..., até mesmo contra todas as razões...

MADALENA. — E é com o Alberto que tu contas para isso? Tem juízo, minha filha!

BRANCA. — O Jorge é meu amigo, não contesto. E eu devo-lhe muito! Mas é diferente. É casado, tem a sua vida... Não é a mesma coisa!

MADALENA. — Pois sim. Mas é uma pessoa séria, ao passo que o Alberto...

BRANCA. — (*Sorrindo*) É um cabeça no ar, eu sei... As vezes estou dias e dias seguidos sem saber dele, e quando por fim aparece conta-me duas ou três mentiras — e eu acredito... E não tem nada para me dar, é certo... a não ser ele próprio... Mas eu também não lhe peço mais nada!

MADALENA. — (*Encolhe os ombros*) És parva...

BRANCA. — Há momentos em que me sinto tão... só, tão cansada..., tão cansada de tudo! Momentos em